

Ser contemplativo(a): encontrar Deus oculto na cidade

"A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos" (Doc. Aparecida, 514)

Cada cidade revela em seu interior uma vocação e um mistério: são muitas as maneiras de **olhar** a cidade e de deixar-se afetar por seus **encantos** e por seus **desafios**.

A **cidade** é o lugar das **contradições e ambiguidades**; ela é caracterizada pela mobilidade, pelo pluralismo de culturas, pela distância econômica entre as pessoas, pelo ritmo acelerado das informações e conhecimentos...; ela oferece um espaço de socialização a partir da *rua, do trabalho, da escola, da academia, do shopping-center, etc.*; ela é também o **espaço** das inovações, dos riscos, dos experimentos e da busca do novo. Nela se encontra o lugar dos sonhos, dos desejos, da liberdade e autonomia. Ao mesmo tempo, o ritmo urbano força as pessoas a viverem em contínuos deslocamentos, sem firmar relacionamentos profundos e alimentando o medo do outro, a auto-suficiência, a insensibilidade, o individualismo...

Às vezes, a **grande cidade** pode nos parecer um lugar estranho e hostil; ela se revela complexa e confusa como um labirinto, perigosa e traiçoeira como o deserto, espessa e impermeável como uma floresta.

No entanto, a experiência cristã nos revela que Deus está presente nela, embora muitas vezes de maneira escondida e oculta.

A presença de Deus não se des-vela à plena luz do dia; uma pessoa pode viver na cidade e perfeitamente ignorar, negar, desmentir ou simplesmente desconhecer a presença divina nela. É preciso buscar a Deus, **"descobrir Deus na cidade"**, como se estivesse encoberto, oculto, escondido no interior dela.

Deus está sempre presente, histórica e culturalmente, em nosso tempo e em nossos lugares. Ele sempre toma a iniciativa e vem ao nosso encontro. O cristianismo é a religião do Deus com rosto humano e urbano que nos busca apaixonadamente em Cristo.

De fato, nas cidades existem circunstâncias que dificultam ou impedem a descoberta de Deus: a violência, a pobreza, a discriminação sexual, a intolerância, o ódio, o racismo e muitas outras atitudes e práticas que separam, excluem e oprimem às pessoas... As ofensas contra a pessoa humana, sua dignidade e seus direitos, são impedimentos para reconhecer e descobrir o rosto de Deus.

No entanto, o Deus presente nas cidades é um Deus que nos chama e interpela a partir do reverso da história, a partir dos últimos, a partir dos lugares ocultos, dos 'outros-espacos' de nossas cidades.

Como viver hoje a mística inaciana no coração das grandes cidades, e fazer dos espaços urbanos um "ícone" da Jerusalém celeste? Como transformar a vida das grandes cidades?

É preciso voltar a **encontrar o coração de Deus no coração da grande cidade**, para renová-la a partir de dentro; do contrário, o processo de desumanização continuará crescendo.

Como inacianos(as), não podemos fugir dos desafios da grande cidade para nos encontrar com o mistério de Deus. Faz-se necessária uma opção para **estar e viver imersos**, e com todas as consequências, no **interior** das cidades, em seu coração, para aí descobrir o verdadeiro **coração de Deus**, que pulsa ao ritmo dos *pobres, dos excluídos, dos sofredores e dos sedentos* de um novo mundo.

É preciso aprender a assumir o **conflito urbano** para convertê-lo em **Vida nova** a partir do **silêncio**, e é preciso entrar nas ruas descoloridas e violentas da cidade como se tratasse de um novo claustro monástico.

Nosso zelo e amor pelo Evangelho e pela semente do **Reino**, que nele está contida, deve favorecer o ad-vento de uma **"Nova Jerusalém"**, cheia de **humanidade e comunhão**, de justiça e de **fraternidade**, de **sol** e de **primavera**, para que vivamos encarnados no coração da cidade.

É preciso cuidar o **coração** do **"ser humano urbano"**, esvaziá-lo, limpá-lo, aquecê-lo, transformá-lo em humilde **receptáculo**, para que o Espírito do Senhor possa pousar-se e habitar nele como num ninho acolhedor, transmitindo-lhe **vida, luz, calor, paz, ternura...**

Movidos pela mística dos EE, continuamos a percorrer o caminho que S. Inácio abriu, sendo também buscadores de alternativas. Vivemos numa sociedade na qual parece que já não é possível outra economia nem outra política, que temos de nos resignar com o que é imposto, que não há alternativas, que só são possíveis pequenos retoques no sistema sócio-econômico que nos rodeia.

Como seguidores(as) do Nazareno, temos de crer e agir firmemente que é possível um mundo diferente, uma cidade diferente, uma sociedade diferente onde a fraternidade, a igualdade e a verdadeira democracia

se façam realidade. Um mundo, em definitiva, em que se respeitem os direitos de todas as pessoas e os direitos da mãe Terra, onde o compartilhar seja o mais normal e natural.

“A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele” (Doc. Aparecida, n.514).

A espiritualidade inaciana no meio urbano nos convida a descobrir e indicar as presenças reais do Deus que in-habita em pessoas, casas, bairros, povos, cidades e metrópoles. *“O coração dos povos é o santuário de Deus”*. Trata-se de *“passear com o Absoluto pelas ruas da cidade”* (Michelstaeder)

Esta é a **cidade** que Deus deseja: uma **praça** de encontro, uma **mesa** celebrativa para todos, um **espaço e-educativo** que inspira. A **praça** é de todos e todos podem ter acesso a ela, todos podem circular livremente, criar relações e convivência, fazendo a experiência de serem aceitos e reconhecidos como humanos.

A **mesa**, no centro da praça, é lugar de hospitalidade, de festa e de memória, lugar de chegada e de inclusão da pluralidade e da diversidade.

O **espaço educativo**, aberto e inclusivo, ativa a criatividade, a construção do saber alternativo e a mobili-zação dos recursos e dos dons de cada um.

“Entrar na nossa Jerusalém” é comprometer-nos com uma cidade mais humana e humanizadora; a cidade que sonhamos e que queremos: a Cidade Nova. E o(a) seguidor(a) de S. Inácio tem em quem se inspirar.

A nossa **Jerusalém interior** é um espaço sempre em expansão. O Evangelho ilumina a vida de nossa cidade e pede atitudes novas, propostas ousadas... Em nosso coração urbano há um **oásis** que regenera: continuamente devemos retornar a este oásis se não quisermos que nossa vida se transforme em permanente deserto; é neste oásis que buscamos o sentido, o descanso, o gosto por viver.

É muito mais cômodo continuar viajando até à cidade de Jerusalém (imaginativamente) e não sentir-nos implicados com aquilo que está acontecendo em nosso interior e ao nosso redor.

Por isso, Jerusalém é **missão**: é preciso “descer” em direção às periferias da nossa Galiléia e ali prolongar a atividade criativa e libertadora de Jesus. Podemos, então, atribuir à nossa cidade interior esta afirmação de G. Dimenstein: *“A bela cidade não é aquela que tem necessariamente as melhores paisagens, mas aquela em que a criatividade é a melhor paisagem”*.

Este é um dos grandes desafios na **grande cidade**. Romper com o individualismo e o poder que marcam as relações entre os homens e as mulheres, para criar um **marco novo**, humanizador e aberto a Deus Pai, através de **pequenas comunidades**. **Comunidades** daqueles que confessam o seu amor comum pelas mesmas coisas – as mesmas *esperanças*, os mesmos *sonhos*, a mesma *utopia do Reino*.

É, sobretudo, em torno da **mesa** que uma comunidade se constitui; com o gesto do *“re-partir”* se estabelece uma rede de **relações** entre as pessoas que aceitam *conspirar, co-inspirar*, em torno do fascínio da proposta de Jesus. Na verdade, a **Eucaristia** vivida é o *sal, o levêdo, a luz e a alma* da cidade.